
“Todos reunidos pela pixação”: uma abordagem etnográfica do complexo *circuito* dos pixadores de Belo Horizonte-MG

“All gathered by pixação”: an ethnographic approach to the complex circuit of pixadores in Belo Horizonte - MG

Rodrigo Amaro de Carvalho



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/12144>

DOI: 10.4000/pontourbe.12144

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Rodrigo Amaro de Carvalho, «“Todos reunidos pela pixação”: uma abordagem etnográfica do complexo *circuito* dos pixadores de Belo Horizonte-MG», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.1 | 2022, posto online no dia 28 julho 2022, consultado o 18 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/12144>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.12144>

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 de outubro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

“Todos reunidos pela pixação”: uma abordagem etnográfica do complexo circuito dos pixadores de Belo Horizonte-MG

“All gathered by pixação”: an ethnographic approach to the complex circuit of pixadores in Belo Horizonte - MG

Rodrigo Amaro de Carvalho

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 28/01/2022

Aceitação / Accepted 29/03/2022

Introdução

- 1 É impossível transitar pelas ruas da capital mineira e não se deparar com incontáveis e distintas formas de intervenções gráficas, algumas aparentemente ilegíveis, nas paredes, muros e prédios que configuram o cenário urbano. Tais intervenções compõem a paisagem de Belo Horizonte há décadas, suscitando críticas e questionamentos em meio à população, à mídia e aos órgãos públicos a seu respeito. Em linhas gerais, a pixação tem como suporte a cidade, local onde o indivíduo se apropria do espaço urbano a partir de inscrições monocromáticas feitas geralmente com *spray* ou rolo de pintura. Nesse sentido, a subversão pode ser vista como uma de suas características principais, na medida em que a pixação não é uma prática aceita ou normatizada pela sociedade. Assim, partindo da perspectiva de alguns pixadores, esta

forma de intervenção coloca em discussão padrões arquitetônicos e artísticos, e, sobretudo, o discurso da propriedade privada.

- 2 Preliminarmente falando, dentre as principais motivações mapeadas nas falas dos pixadores, podemos afirmar que estes jovens têm por intuito atingir a sociedade de alguma forma e, principalmente, conseguir notoriedade entre seus pares. Deste modo, é a partir de motivações como estas que os agentes da caligrafia urbana inscrevem suas alcunhas em paredes, muros, portas de aço, prédios, tomando-os como base para suas intervenções, criando assim novas formas de apropriação da cidade. Todavia, após estabelecermos esse resumo de alguns dos objetivos e motivações dos pixadores, nos vemos diante da seguinte questão: o fenômeno da pixação se encerra nos muros da cidade? Em outras palavras, a pixação se resume ao ato de grafar inscrições pessoais, coletivas e frases pela cidade?
- 3 O presente texto objetiva apresentar uma descrição etnográfica do alcance da pixação da capital mineira desconhecida da população de um modo geral. Assim, efetivarei uma apresentação de uma parcela dos dados da minha pesquisa de mestrado¹, tratando de dois momentos importantes deste circuito de jovens² específico, quais sejam, as festas promovidas pelas *galeras*³ de pixação e as ocasiões em que os pixadores⁴ se reúnem em torno do lançamento de DVDs produzidos por eles mesmos, que retratam a prática da pixação. Neste sentido, o texto a seguir privilegiará o material de pesquisa, em detrimento das possíveis discussões teóricas de interesse da antropologia, buscando o diálogo com um público mais amplo, através de uma linguagem bastante direta e descritiva desta dimensão da prática em questão.

Quando pixar é festejar (e vice-versa)

- 4 As sociabilidades do circuito da pixação mineira também se dão por meio das festas organizadas pelos pixadores. Geralmente essas festas são marcadas e feitas com o objetivo de comemorar, sobretudo, a data de aniversário de alguma *galera*, *grife* ou até mesmo de algum pixador. Estas festas, de certo modo, complementam e reproduzem as formas de sociabilidades estabelecidas pelos pixadores em seus espaços de relação mais comuns, como os seus bairros de residência, o Duelo de MCs e os encontros furtivos em lojas de produtos especializados. As festas são frequentadas somente pelos pixadores que estão vinculados às alianças que possuem afinidade com as *galeras* e *grifes* que as estão promovendo.
- 5 Buscando complementar as minhas experiências de campo é que me desloquei no dia 22 de abril de 2012 da minha residência no intuito de participar de uma festa de uma das *galeras* mais atuantes na cena da pixação mineira. A festa da Banca Nervosa, divulgada no Rap e, principalmente, nas redes sociais, ocorreu em um sítio alugado, nas imediações do Bairro Nacional. O endereço não foi divulgado, propositalmente, no corpo de informações oferecidas pelo convite do festejo – digo propositalmente, pois os organizadores da festa fizeram questão que o logradouro fosse repassado por meio do *boca-a-boca*, para que, assim, o endereço não fosse descoberto por algum policial incumbido de investigar os pixadores. Por conta disso, como não fui ao Rap na noite da sexta-feira que antecedeu o final de semana da festa – acabei comprando o convite na porta de entrada da festança – não pude me inteirar com maiores detalhes de onde ela seria realizada, o que me causou enormes dificuldades, uma vez que eu era um recém-chegado a Belo Horizonte. É relevante salientar ainda que o conteúdo dos convites

reproduz e demonstra alguns dos códigos simbólicos presentes na dinâmica do circuito da pixação, como a alusão às galeras, *grifes*, bem como às suas respectivas alianças.

- 6 Após me embrenhar em ruelas, morros e comunidades com o meu veículo, quando já estava quase desistindo, consegui encontrar o ponto de referência do lugar – única informação que eu sabia para encontrar a festa, cedida a mim pelo *grapixeiro*⁵ C. Aproximando-me do local da festa, me deparei com o pixador E., que estava acompanhado de outro pixador – desconhecido por mim. Apesar da proximidade, parei o carro e ofereci carona para os rapazes.
- 7 Ao chegar ao local da festa acompanhado dos pixadores, paguei a quantia de R\$ 50,00 referente ao meu ingresso a um dos organizadores que, de prontidão, colocou-me uma pulseira de identificação – a indicar que eu havia efetuado o pagamento na entrada e que continha um número inscrito. Este número tinha por finalidade o sorteio de brindes ao final da festa, pois conforme fora anunciado no convite seriam sorteados *borrifadores*, camisas e latas de tinta.



Imagem 1 - Convite da Festa Comemorativa do Aniversário de 15 anos da galera Banca Nervosa. Créditos da Imagem: Rodrigo Amaro, 2012.

- 8 A festa estava marcada para começar a partir das 11 horas da manhã daquele domingo. Assim, por conta da minha dificuldade de encontrar o local, ao contrário do que eu havia planejado, acabei chegando ao local por volta de uma hora da tarde. Conforme podemos observar nos dizeres do convite (imagem 1) – o que foi confirmado pelas nossas observações de campo – o local da festa, em termos estruturais, oferecia aos pixadores “piscina, quadra de esportes, playground e uma ampla área verde”.
- 9 À medida que os pixadores iam chegando e adentrando no sítio, após cumprimentarem aqueles que já estavam no local, se dirigiam para a quadra para marcarem suas prezas no local destinado a receber as inscrições. Para tanto, os pixadores/organizadores afixaram junto ao alambrado da quadra de esportes, em uma de suas partes laterais e atrás de uma das traves, vários pedaços de madeirite pintados de branco.

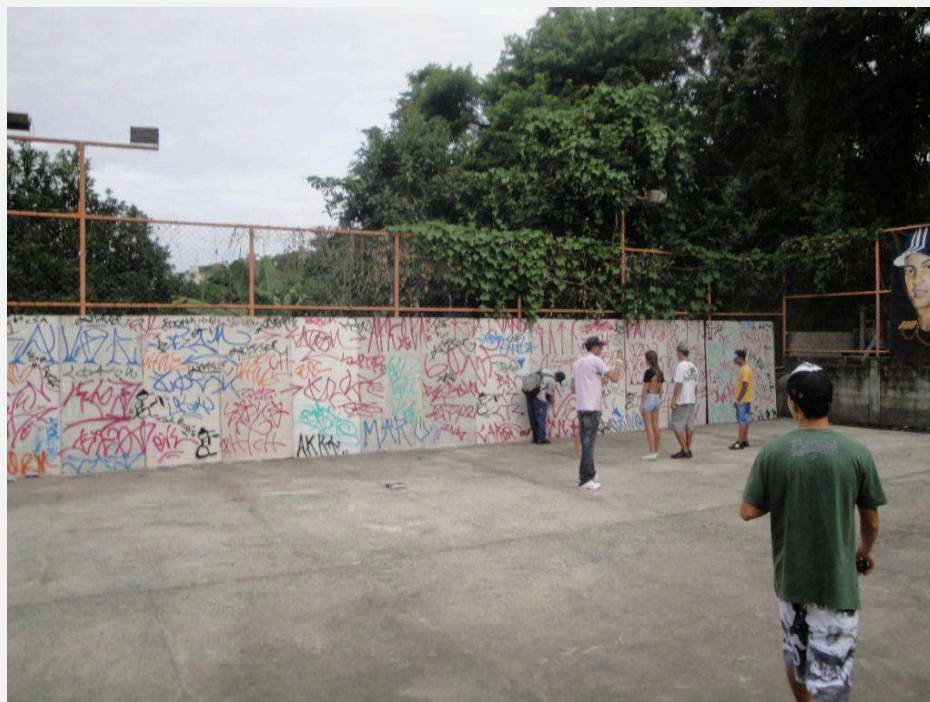


Imagem 2 - Visão parcial do painel com a "lista de presença" dos pixadores. Créditos da imagem: Rodrigo Amaro, 2012.

- 10 Quando cheguei ao local, esta espécie de lista de assinatura dos pixadores já estava quase completa. Assim, os pixadores que chegavam mais atrasados se dirigiam rapidamente para este espaço. Todavia, antes mesmo que eles grafassem suas alcunhas no painel destinado a receber e compor a agenda com os nomes dos presentes, alguns pixadores já haviam marcado suas inscrições no imóvel localizado bem em frente ao local do sítio onde estava ocorrendo a festa, bem como em toda extensão da rua.
- 11 Dentre muitas experiências e possibilidades de relações que a festa da BN me proporcionou, em destaque, gostei muito de conhecer o pixador I., que sempre me causou muita curiosidade. Quando o assunto é pixação, a meu ver, o ponto que mais me interessa reside no fato de podermos pensar nas milhares de histórias que estão por detrás das inscrições marcadas nos diversos suportes da cidade. Neste sentido, minha curiosidade me impulsionava a conhecer mais dessas histórias escondidas aos olhares apressados daqueles que veem os muros cotidianamente, e a história de I. é um exemplo interessante para esboçar este raciocínio. Assim, sempre que via a preza deste pixador ficava intrigado, tentando entender o que havia por detrás do ícoe inscrito dentro de uma das letras que compõem a sua alcunha, que costumeiramente continha um desenho que parecia representar um cadeirante, mas não conseguia ter certeza dessa minha interpretação inicial. Conversando com inúmeros pixadores descobri que, de fato, se tratava de um desenho que representava um portador de necessidades especiais. Tal representação é uma homenagem rendida pelo pixador A. ao seu amigo I., pois, este último, perdeu grande parte de sua capacidade locomotora após sofrer um acidente automobilístico em que A. era o motorista. Desde então, A. e outros pixadores marcam prezas para o (ex)pixador I. cidade afora.
- 12 Sempre achei bastante interessante o fato de que mesmo diante da impossibilidade de pixar, o pixador I., por intermédio daqueles pixadores que o admiram, continua

presente nos muros, marquises e viadutos de Belo Horizonte. Por conta disso, ainda que nossa interação tenha sido bem rápida, tal experiência para mim foi bastante marcante. Pelo fato deste pixador ser cadeirante, rapidamente me prontifiquei, junto com outro pixador que o acompanhava, a ajudá-lo a descer o alto desnível que separava a área do churrasco da festa da quadra poliesportiva, pois I. gostaria de ir até as proximidades do painel. Depois disso, A. marcou a sua inscrição, e fez questão de – tal como faz nas ruas de Belo Horizonte – marcar a preza de I., seguida de um desenho que representa um cadeirante.



Imagem 3 - Bandeiras expostas nos fundos da quadra, durante a festa da BN. Créditos da imagem: Rodrigo Amaro, 2012.

- 13 Retornando à observação das dinâmicas ocorridas na quadra de esportes, do lado oposto aos painéis de assinaturas, por detrás da outra trave, observei os pixadores afixando algumas faixas. Após alguns minutos, pude observar que se tratava de algumas bandeiras afixadas nas grades de proteção da quadra poliesportiva. As bandeiras postadas nas extremidades representavam, cada uma, a imagem de uma pessoa. A princípio, observando a bandeira da esquerda, desconfiei que se tratasse do pixador FAN BN. Já a bandeira da direita eu não conseguia ter nem ao menos uma pista de quem fosse, a princípio. Em conversa com os pixadores, pude constatar minha desconfiança e confirmei que se tratava de uma homenagem ao pixador falecido FAN. Além disso, descobri que a bandeira da direita era uma homenagem ao também falecido grafiteiro AMIGO, muito respeitado na cena da arte urbana de Belo Horizonte⁶.
- 14 Já ao centro, observamos uma bandeira com inúmeras informações relevantes para a nossa pesquisa. Em vermelho, na parte superior da bandeira, temos as siglas BC e DP e, na parte, inferior, também em vermelho, a menção ao bairro da Zona Norte Planalto, seguido do nome da *grife* Os Piores de Belô. Na parte central da bandeira, percebemos dois cachorros da raça Pitbull e, ao fundo, a representação de um bairro periférico. Ademais, em menor destaque, no miolo da bandeira, em preto, temos as siglas: VMP,

MH e RBF, que também compõem a *grife* anteriormente mencionada. Também as menções aos bairros, os nomes das galeras, e a representação de um bairro periférico ao centro da bandeira deixam entrever a assunção, por parte dos pixadores, dos valores periféricos, bem como de suas próprias noções de territorialidade. Por fim, os desenhos dos pitbulls ao centro da bandeira simbolizam a bravura e a coragem. Tal assertiva se corrobora pelo fato, por exemplo, de que a própria sigla BC antes mesmo de representar uma galera de pixação era conhecida como um bonde (*galera*) de porrada⁷.

- 15 Falando da festa, nela pude perceber os hábitos mais comuns praticados pelos pixadores em seus espaços de sociabilidades mais usuais. Desse modo, à medida que os pixadores iam bebendo, fumando e usando drogas inalantes, observei inúmeros deles trocando assinaturas em *folhinhas*⁸ e registrando fotografias com seus parceiros e aliados de *rolê*. Tal como nas noites de sexta, durante o Duelo de MCs, o rap nacional era a trilha sonora mais tocada, revezando com os hits do *funk* nacional. Em espaços como estes é que se percebe o quanto a prática da pixação é importante para estes jovens. Os pixadores, ininterruptamente, conversavam sobre suas ações pela cidade, sobre suas técnicas e materiais utilizados.
- 16 Em uma das inúmeras rodas de conversa que rolavam durante a festa, aprendi outra estratégia de escapar de um flagrante e do enquadramento policial. A partir do relato de S., aprendi como funciona a tática de “pagar de bêbado”, ou de “pagar de doidão”. Resumidamente, S., comentou que ao ver uma viatura se aproximando em sua direção, em certa oportunidade, na Avenida do Contorno, nas imediações do bairro Prado, se afastou de sua preza e abandonou a lata fingindo que estava bêbado ao ser abordado pelos Policiais. De acordo com o pixador, a estratégia já o livrou de *assinar*⁹ inúmeras vezes.
- 17 Aprendi também, com C. e com E., que quando se aproximam as datas das audiências correntes de suas ações os pixadores “dão um tempo”, pois uma recorrência nos dias que antecedem o julgamento tem por efeito, muito provavelmente, um endurecimento do julgamento e, conseqüentemente, da pena. Por causa disso, como C. estava prestes a ser julgado, o pixador demonstrou preocupação com a sigla de sua galera – pois, neste momento, o restante dos integrantes estavam parados –, ressaltando que precisava ficar recluso por uns tempos, e chamando a atenção para o fato de que “agora que eu tô parado, o resto da galera tem que representar”.
- 18 Nessa ocasião, observei um grande número de pixadores usando camisetas de distintas galeras. Grande parte dos pixadores presentes vestia e exibia as siglas de suas galeras e *grifes* nas camisetas. A festa da BN, assim, agregou uma diversidade de bairros, atraindo uma diversidade de áreas, reunindo inúmeras quebradas. Em suma, para definir a festa em poucas palavras, a frase de um dos pixadores com que eu mais interagi durante a festa me parece relevante. Assim, E., em apenas uma frase, também chamou a atenção para o poder agregador da pixação: “todos reunidos pelo *xarpi*”.

Luz, Câmera e (pix)ação¹⁰

- 19 Outra prática que complementa as formas de relações praticadas pelos pixadores são os eventos de lançamentos de DVDs. Frequentar estes encontros contribuiu muito para a complementação da presente etnografia, pois quando os pixadores se reuniam para

assistir a exibição de lançamento dos filmes, eles comentavam livremente – sem que eu os indagasse – sobre suas práticas, técnicas e percepções e usos da cidade.

- 20 Durante os anos de 2011 e 2012 tive a oportunidade de participar de três eventos deste tipo. O primeiro deles ocorreu no dia 24 de junho, durante as programações corriqueiras do Duelo de MCs, em uma noite de sexta-feira no viaduto Santa Tereza. A programação cotidiana de *hip hop* deu lugar, em um determinado momento da noite, à exibição do filme “Marcas das Ruas”, produzido pelo (ex)pixador C., de São Paulo. Nesta noite conheci este pixador paulista, que me explicou alguns detalhes de como filmar as ações dos pixadores, e ainda me forneceu algumas dicas sobre modelos e marcas de filmadoras boas para vencer as limitações da baixa visibilidade noturna.
- 21 Fato relevante que ocorreu nessa ocasião foi, em função da mudança da dinâmica do evento, que os pixadores mudaram o seu hábito normal, que consistia em ficar posicionados em determinado ponto perto do palco do Duelo. Assim, naquele momento, os pixadores tiveram a oportunidade de presenciar, na tela improvisada, um pouco de suas atividades – fato que os leva da condição de observadores a protagonistas e vice-versa, dado que alguns daqueles que estavam ali tiveram a oportunidade de assistir a si próprios em primeira mão na tela de exibição do documentário.
- 22 Após a exibição do documentário e da programação do Duelo de MCs, alguns pixadores adentraram em um espaço que para eles, até então, era um “não lugar”¹¹, qual seja, o Bar Nelson Bordello, então localizado na Rua Aarão Reis, bem em frente ao viaduto Santa Tereza, para participar da festa de lançamento do DVD. Por conta da onipresença destes jovens, o “não lugar” se tornou um “lugar” para os pixadores.
- 23 Para os pixadores mineiros, era muito importante assistir e participar daquele momento, pois vários deles estavam sendo os atores principais de parte daquele filme, como, por exemplo, G., G., A., S., D., G., C., S., dentre outros. De todo modo, é importante destacar que mesmo aqueles que não protagonizaram tais cenas também tinham grande interesse em assisti-lo, pois, durante as filmagens do cenário urbano belo-horizontino, estes torciam para que as suas prezas tivessem sido filmadas e, automaticamente, transmitidas para os pixadores do Brasil inteiro.
- 24 A segunda oportunidade que tive de participar de momentos como esse ocorreu no dia 20 de abril de 2012, no segundo piso do Edifício Maleta, na loja especializada Real Vandal. Nesta data ocorreu o lançamento do DVD 100 Comédia Brasil – Versão Sul-Sudeste, que reúne cenas da pixação da capital paulista, mineira, carioca, paranaense e gaúcha.



Imagem 4 - Cartaz de lançamento do DVD 100 Comédia Brasil, com o cartão postal da pixação mineira ao fundo. Fonte: <https://www.facebook.com/realvandal.graffiti.7?fref=ts>.

- 25 Cheguei ao edifício Maleta para acompanhar a exibição do vídeo por volta das 20 horas. Ao chegar ao local me deparei com alguns pixadores da MF – C. e T. Antes do filme ser exibido, tive a oportunidade de interagir com vários pixadores como S., P., P., Z., C., K. e M. Como em outras oportunidades, observei os pixadores, instigados pelas cenas do vídeo, comentando sobre suas ações, em específico, sobretudo, sobre suas estratégias e técnicas. Ouvi de C. e de P. uma prática de fuga, que, pelo que pude observar ao longo desta etnografia, é muito recorrente entre os pixadores. A estratégia consiste em tentar vencer os Policiais Militares no cansaço. Assim, ouvi inúmeros relatos de pixadores que passaram a noite inteira escondidos em marquises e, principalmente, em terraços de prédios. No DVD que estava sendo lançado, na parte que retrata a pixação de Belo Horizonte, há uma cena em que os pixadores avistam do alto do prédio a chegada de algumas viaturas – provavelmente contatadas por algum morador que observou alguma movimentação diferente. Nesta cena os pixadores que estavam na rua, de acordo com o relato de P., por um momento de distração na escolta, *rodaram*¹² para os PMs, ao contrário dos que efetivaram a ação no topo do prédio. Pude, também, aprender com o mesmo os detalhes da descida de corda feita por C., do prédio de mais de 10 andares, pois foi P. que manteve suspenso o destemido pixador, descendo-o gradualmente nesta cena do DVD.
- 26 Ademais, descobri alguns detalhes dos bastidores de algumas cenas protagonizadas pelos pixadores no DVD que escaparam das lentes das câmeras. Em uma determinada ação, em que P. e S. objetivavam marcar suas prezas no topo de uma das laterais de um prédio abandonado, os pixadores entraram em desavença, conforme relatos, quase chegando ao ponto de se agredirem, em função da escolha de quem iria marcar a preza

mais perto da extremidade que compõe a esquina com a fachada frontal do prédio – o que renderia mais visibilidade e, conseqüentemente, mais repercussão. A discussão chegou ao ponto de S. ameaçar jogar fora o vasilhame com tinta fora. Todavia, os pixadores entraram em um acordo e marcaram as suas inscrições como pode ser observado no vídeo. Tais detalhes somente puderam ser apreendidos através das minhas conversas com os pixadores, pois, como destaquei anteriormente, tal desavença não foi registrada pelas câmeras que gravaram a ação da própria rua, em uma tomada de baixo para cima.

- 27 Outro detalhe que passa despercebido para aquele que somente assiste ao vídeo, mas não interage com os pixadores para saber dos detalhes de fundo – invisíveis às lentes e aos desavisados – diz respeito à cena protagonizada por C. e S. em uma ação em que os dois pixadores escalam as grades de proteção e marcam as suas prezas no alto da parede frontal de uma loja comercial. Na ocasião C., que havia acabado de sair de uma festa, foi direto da mesma para encontrar com os pixadores para a gravação do DVD. Assim, o pixador, mesmo vestindo roupa social, efetuou a escalada, representando a sua preza no alto com o alfabeto paulista. Tal fato, a meu ver, demonstra o quanto é relevante a prática da pixação para estes jovens, pois o pixador citado, apesar das limitações proporcionadas pela vestimenta, não deixou o ensejo de pixar e, conseqüentemente, de sair em branco no DVD.
- 28 A terceira e última oportunidade de fazer trabalho de campo neste tipo de evento ocorreu no dia 29 de setembro de 2012, em uma tarde de sábado, no mesmo local do lançamento do filme anterior. Neste dia foi lançado, em Belo Horizonte, o DVD que retrata a cena da pixação da capital gaúcha, intitulado *FODA-SE*. Ao contrário das outras oportunidades, a presença do público foi bastante reduzida, talvez pelo fato do DVD não estrear pixadores mineiros. Ao chegar ao local, enquanto o DVD não era exibido, tive a oportunidade de interagir por bastante tempo com o pixador Z. e com o grafiteiro A.. A conversa, de um modo geral, girou em torno da questão da ilegalidade da prática da pixação e, principalmente, das investigações efetivadas pelos Policiais Cíveis e Militares.
- 29 À medida que os pixadores mineiros iam chegando, se formavam rodas de conversa. Não sem dificuldades, na medida possível, buscava interagir com os pixadores mineiros e gaúchos que vieram a Belo Horizonte para lançar o documentário. Nestas rodas de conversa, ouvi Z. comentando sobre suas percepções e estratégias de usos da cidade. Os pixadores gaúchos comentavam e pressupunham, em suas falas as enormes dificuldades que os pixadores mineiros devem encontrar em seus *rolês*, devido ao considerável número de câmeras espalhadas pela cidade, sobretudo, na região central. Assim, Z. explicou para eles que muitas das câmeras do programa *Olho Vivo* possuem muitos “pontos cegos”, e que muitas delas não conseguem captar suas ações desde que este saiba localizar os seus pontos falhos. Ainda, presenciei o pixador mineiro relatando sobre as suas preferências atuais na busca pela visibilidade de suas ações no centro da cidade de Belo Horizonte, pois Z. afirmou que, ultimamente, vinha preferindo marcar suas *prezas* somente em locais que possibilitarão que estas se tornem *reliquias*¹³, tendo em vista que no centro as pixações são constantemente apagadas.
- 30 Falando dos vídeos de um modo mais geral, é importante destacar que estes são produzidos pelos próprios pixadores. No caso dos primeiros vídeos aqui descritos, a saber, *Marcas das Ruas* e o *100 Comédia Brasil – Versão Sul/Sudeste*, a grande maioria das imagens foi captada por C. A parte de edição é feita por outra pessoa que domina tal

prática. Diferentemente do DVD *FODA-SE* que teve todo o seu processo efetivado pelos próprios pixadores gaúchos.

- 31 A trilha sonora dos DVDs, em sua grande maioria, é embalada por *raps* nacionais bastante conhecidos pelos pixadores. Tal constatação sinaliza, mais uma vez, o quão importante é esse estilo neste universo. No mais, os vídeos reproduzem e representam outras dimensões da pixação que ultrapassam sua prática em si, tais como o hábito de assinar e trocar *folhinhas*, o costume dos próprios pixadores entrevistarem outros pixadores *das antigas*, bem como o registro de seus modos mais comuns de sociabilidades, isto é, a filmagem de seus *points* e de suas festas. Dessa maneira, as cenas exibidas nos DVDs, em sua maioria, são divididas por modalidades de intervenção, tais como: topo de prédio, escalada, janela, descida de corda, marquise, dentre outras. E dentro destas categorias fica evidente o privilégio de cenas audaciosas, isto é, cenas que geram impacto para aquele que a protagoniza e, conseqüentemente, para o próprio DVD em si – haja vista que os pixadores, antes mesmo do lançamento dos DVDs, criam expectativa para assistir às aguerridas ações que compõem o documentário¹⁴.

“Rabiscando” algumas conclusões

- 32 Minha experiência e, conseqüentemente, minha visão são conscientemente bastante incompletas sobre esta prática. Com este texto busquei contribuir com a produção antropológica abordando uma outra faceta desse universo. Assim, ao mostrar mais uma dimensão dessa prática intrigante, tínhamos por objetivo desconstruir visões simplistas sobre a pixação, destacando que ela vai muito além dos muros e dos julgamentos estigmatizantes lançados sobre os pixadores.
- 33 A partir dos tópicos desenvolvidos no presente texto, pudemos perceber o quão diversificadas são as relações de troca estabelecidas pelos pixadores. Nos espaços de encontro mantidos no centro da cidade, pixadores de diversas regiões se encontram e estabelecem diversas relações de trocas. Através desses encontros, pixadores provenientes de galerias que mantêm alianças convidam uns aos outros para participarem desses importantes momentos de sociabilidade, que são as festas e os lançamentos de DVDs.
- 34 Em suma, nessas ocasiões, vimos que, para estes jovens, festejar é pixar e vice-versa. Da mesma maneira, participar dos lançamentos dos vídeos produzidos pelos próprios pixadores também cumpre a mesma função, além de conectar pixadores de diferentes capitais do Brasil. Esses momentos são muito importantes para os pixadores, dado que nestes encontros esses jovens trocam folhinhas com assinaturas de outros pixadores, informações sobre técnicas, materiais e experiências vividas na cidade, além de convidarem pixadores de diferentes galerias para fazerem outros rolês pela cidade. Portanto, estas ocasiões fecham um complexo circuito de deslocamentos na capital mineira, que conectam a periferia ao centro e o centro a periferia, desvelando formas completamente distintas de se pensar e viver a cidade.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc. 1994. Não lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Editora Papirus.
- CARVALHO, Rodrigo Amaro de. 2013. Prezas e Rolês pela Metrópole: entre pixadores e pixações de/em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFMG, Belo Horizonte, MG.
- GOFFMAN, Erving. 1988. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª. ed. Rio de Janeiro, Guanabara.
- GITAHY, Celso. 1999. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2007. Introdução: Circuitos de Jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor, SOUZA, Bruna Mantese de. (Org.) Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2005. De rolê pela cidade: os pixadores de São Paulo. Dissertação de Mestrado. PPGAS/FFLCH/USP, São Paulo/SP.

NOTAS

1. O texto é uma versão adaptada de uma parte do capítulo três da minha dissertação, intitulada *Prezas e Rolês pela Metrópole: entre pixadores e pixações de/em Belo Horizonte* (CARVALHO 2013).
2. A categoria analítica —circuitos de jovens|| do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani privilegia a inserção destes [jovens] na paisagem urbana, analisando onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca. (MAGNANI, 2007: 18, 19, grifo nosso).
3. A categoria nativa *galera* se refere aos coletivos compostos pelos pixadores em prol de uma única inscrição, que é grafada quase que unicamente em forma de sigla, de modo legível a qualquer pedestre.
4. A predominância masculina em meio à pixação é indiscutível, todavia, podemos mapear algumas pixadoras. Portanto, destaco a consciência dos perigos das armadilhas que o emprego não criterioso da linguagem pode nos levar a invisibilizar interlocutores e interlocutoras de determinados grupos sociais.
5. O *grapixo* é uma modalidade que se pode dizer intermediária entre a *pixação* e o grafite. Muitos pixadores passaram a observar os grafites e começaram a estilizar suas inscrições.
6. Os grafites que representam, respectivamente, FAN e AMIGO foram feitos pelos grafiteiros Z. e V., da *crew* CTOR-9.
7. Conforme Erwin Goffman (1988), estigma deve ser usado em referência a um atributo tido, no senso comum, como depreciativo. Mas nessa perspectiva, destaca o autor, o que se deve ter em mente é toda uma linguagem de relações e não de atributos. Deste modo, valores, práticas, símbolos e vestimentas que poderiam ser tidos como desabonadores

contribuem para a afirmação da pessoa do pixador, como, por exemplo, a própria representação do bairro periférico na bandeira destacada na imagem anterior.

8. Um hábito comum praticado entre os pixadores no *point* é a troca de *folhinhas*. São folhas de papel em branco em que os jovens solicitam a outros pixadores que inscrevam suas marcas que pixam pela cidade. Além de promoverem a sociabilidade, as *folhinhas* também têm uma função memorialística.

9. *Assinar* diz respeito às ocasiões em que os pixadores foram conduzidos à Delegacia e tiveram que assinar o B. O. (Boletim de Ocorrência).

10. O título deste tópico faz menção ao nome do DVD de pixação que retrata a *cena carioca*. A única alteração é a grafia da palavra pixação, haja vista que no título do DVD a palavra aparece com "ch".

11. De acordo com Augé, os "não lugares", dentre outros usos, pode ser aplicado a locais onde determinados grupos não possuem uma relação de identificação (AUGÉ 1994: p. 36).

12. *Rodar* significa ser pego por alguma autoridade de segurança.

13. Por sua vez, *reliquia* se refere às *prezas* antigas, que acabam por se tornar *reliquias* em meio à pixação de Belo Horizonte.

14. Geralmente, ao término das ações registradas e representadas nos DVDs, os cinegrafistas costumam gravar pequenos relatos dos pixadores em ação, principalmente quando ocorrem intervenções policiais.

RESUMOS

O presente artigo aborda o complexo circuito de jovens no qual os pixadores de Belo Horizonte estão inseridos. Apresentaremos, portanto, dados da pesquisa de campo que resultaram em minha dissertação (CARVALHO 2013), abordando especificamente os elementos relativos à importância dada pelos pixadores da capital mineira às festas e eventos de lançamentos de DVDs produzidos pelos próprios interlocutores da pesquisa. Os elementos etnográficos que serão apresentados foram obtidos da observação participante em tais eventos. Sendo assim, as festas das *galeras* de pixação e os lançamentos de DVDs demonstram a importância que a sociabilidade tem dentro deste fenômeno, endossando a partir de outros elementos a relevância das relações dentre os pixadores.

This article deals with a the complex network of sociability of pixadores in Belo Horizonte. We will therefore present data from the field research that resulted in my dissertation (CARVALHO 2013) addressing specifically the elements related to the importance given by the pixadores of the state capital to the parties and events of DVD releases produced by the research's own interlocutors. The ethnographic elements that will be presented were obtained from the participant observation in such events. Thus, the parties of the pixação crews and the DVD releases demonstrate the importance that sociability has within this phenomenon, endorsing from other elements the relevance of the relations among the pixadores.

ÍNDICE

Keywords: taggers, crew parties sociability, Belo Horizonte.

Mots-clés: pichadores, galeras, festas, sociabilidade, Belo Horizonte

AUTOR

RODRIGO AMARO DE CARVALHO

Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ) e Professor adjunto do curso de Artes Plásticas da Universidade do Estado de Minas Gerais (Escola Guignard/UEMG).